INSTITUTO DE ALTOS ESTUDOS MILITARES

CURSO DE ALTOS COMANDOS

VIAGEM DE GENERAIS

2.ª INVASÃO FRANCESA

OPERAÇÕES CONTRA SOULT

BRIG. F. M. ROCHA SIMÕES

1970/1971

INSTITUTO DE ALTOS ESTUDOS MILITARES

CURSO DE ALTOS COMANDOS

VIAGEM DE GENERAIS

2.ª INVASÃO FRANCESA

OPERAÇÕES CONTRA SOULT

BRIG. F. M. ROCHA SIMÕES

1970/1971

SUMÁRIO

2.ª INVASÃO FRANCESA

OPERAÇÕES CONTRA SOULT

******

I - INTRODUÇÃO

Imaginando um alinhamento tirado de Chaves à Régua, prolongado até cortar o Rio Vouga, teremos respectivamente para leste daquela linha e para norte do Rio, uma região englobando as províncias do Minho e Douro e parte da Beira Litoral, região que vai servir de palco às operações ofensivas do Exército anglo-luso, contra as forças do marechal Soult.

Por alturas de Abril-Maio de 1809 estavam as tropas francesas ao contacto, no seu perimetro, sobre o Vouga e o Tâmega, com as poucas numerosas e muito indisciplinadas forças portuguesas; no interior ocupam a cidade do Porto e os efectivos mais importantes iam entretendo os ócios que os seus deveres militares lhes deixavam, roubando e pilhando, quanto podiam, bem contra a vontade do seu comandante chefe que, mansamente, amadurecia na capital do Norte uns vagos sonhos de realeza.

O resto do País constituia - digamos - os bastidores daquele palco, onde os personagens, principais preparavam os figurantes que o nunca desinteressado auxilio inglês ia permitir, uma vez mais, fossem subir à cena.

São os personagens principais já do nosso conhecimento - . Mas permita--se-me que acêrca delés diga uma palavra de minha justiça, pois, porventura, poderei vê-los por outras luzes. A sua actuação na segunda fase da campanha da 2ª Invasão Francesa é susceptível de alterar o perfil que de alguns deles poderiamos ter recortado.

Assim poderemos ver o marechal Soult levantando-se da sua inacção no Porto, até à altura da sólida reputação que tinha creado actuando sob as vistas do Imperador, reputação que não desmentiria na longa carreira que havia de iluminar ainda com o seu talento. E é o general Silveira, apeando-se do alto pedestal em que se colocara depois da acção da ponte de Amarante

****

Comecemos pelos tenentes-generais ingleses.

Tenente General Sir Artur Wellesley, Duque de Wellington e de Ciudad Rodrigo

Um corpo e uma vontade de ferro, que levaram os seus compatriotas a apelidá-lo de "Iron Duke", notabilizou-se mais como homem de guerra pela sua prudência, sangue-frio, perseverança e disciplina que pelo génio ou brilhantismo das suas combinações.

Tipo do aristocrata inglês, avesso por princípio a todas as ideias liberais, membro dos Cumuns, bafejado pela sorte - "La fortune a plus fait pour lui qu il na fait pour elle", havia de dizer Napoleão - tal era o homem que a Inglaterra nos enviara para comandante chefe em Portugal e na Península.

Chegado ao Tejo a 22 de Abril, recebido festivamente em Lisboa a 23, recebe a 27 das mãos do Tenente General Sir John Cradock o comando que este exercia.

Tenente General Sir. John Cradock

Comandante das tropas inglesas em Portugal, mais prudente que o seu colega Wellesley e mais antigo, foi substituido por este, indo ocupar o lugar de comandante militar de Gibraltar, depois de entregar a 27 de Abril de 1809 um comando em que esteve longe de se notabilizar.

Tenente General Sir. William Carr Beresford

Foi indicado pelo governo inglês - a pedido do português. Partido de Inglaterra em meados de Fevereiro de 1809, chegou a Lisboa nos primeiros dias de Março. Por decreto de 7 de Março do mesmo ano foi-lhe dada a patente de marechal do Exército Português "encarregando-o, como tal, do comando em chefe de todas as tropas portuguesas e com toda a jurisdição que a tal cargo compete, em conformidade das leis e regulamentos militares do Reino" comando que assumiu efectivamente a 8 de Abril no Q.G. em Tomar, das mãos do Tenente General Miranda Henriques.

Se não se celebrizou pela planificação e direcção de campanhas brilhantes, não se pode deixar de lhe fazer justiça e enaltecer a sua acção no desempenho do cargo em que foi investido. E se outros títulos não pudessem ser invocados a abonar a sua acção bastaria dizer-se que conseguiu fazer franquear ao Exército Português o profundo fosso existente entre uma 'tropa" e um "Exército".

Implacável, duro - atestam-no alem de outros as depurações no Exército, os incidentes com o Conde de Ficalho e o Bispo de Coimbra - era o homem necessário e de que o Exército precisava naqueles tristes dias para poder vir a atingir um razoável nível de eficiência.

General Silveira

Depois da acção na ponte de Amarante creou-se-lhe ao contrário do que seria de esperar - uma reputação militar muito acima da sua capacidade.

Valoroso, duma coragem admirável, cabe-lhe a honra de ter sido o oficial general - e porventura o militar português - mais constante na defesa do solo pátrio, contra os franceses.

Demitido do Exército a seu pedido, depois de assistir ao aniquilamento, por ordem de Junot dos Regimentos de Cavalaria 6, 9, 11 e 12, e não tendo conseguido fugir para Inglaterra, dirigiu-se para Vila Real onde voltou a pegar em armas, muito contribuindo para a aclamação em 1808 do Governo Legítimo, em Trás-os-Montes.

E desde então, por terras de Portugal e de Espanha, se conservou, de armas na mão, contra os franceses, até às operações de 1813 nos Pirinéus, em que tomou parte, findas as quais regressou a Portugal a assumir o Comando Militar de Trás-os-Montes.

Duas vezes desobedeceu ao seu Comandante General Beresford, em circunstâncias indesculpáveis, contribuindo para o êxito da retirada de Soult, ou pelo menos por forma a que tal lhe pudesse ser atribuído.

E finalmente vejamos:

Marechal Soult

Alistado aos 16 anos, passa por todos os postos inferiores até ser nomeado capitão em 1793 com 24 anos de idade. No ano seguinte é nomeado sucessivamente comandante de batalhão, coronel e general de brigada, depois de ter cooperado por forma notável na conquista da Bélgica.

General da Div. em 1799, promovido a marechal na promoção de 1804, comandante do 4.º corpo do Grande Exército em 1805 faz capitular **Memmingem**, está na base da decisão na Batalha de Austerlitz, pela sua acção no centro, tem uma acção não menos gloriosa na campanha da Prússia (Iena e Eylau), conquista Koenisg berg. Passado à Espanha em 1808, assinala a sua chegada pela vitória de Burgos, toma a Corunha, e em 29 de Março de 1809 a cidade do Porto.

A partir desta data a sua carreira não é menos brilhante, ilustra-se pela sua retirada do Porto para a Galiza em Maio de 1809, no mesmo ano toma Sevilha e no seguinte está a investir Cadiz.

Em 1812 depois do desastre da Rússia é obrigado a uma retirada para França através de toda a Espanha, operação que é considerada uma obra prima de execução.

Só depôs as armas com que servira o Imperador depois dos Bourbons novamente instalados no trono de França e de fazer frente com 22.000 homens junto dos

muros de Toulouse aos 80.000 ingleses e portugueses que lhe opõe Wellington.

Major General do Exército durante os cem dias, combate, com o mesmo valor de sempre, em Waterloo.

Durante a Restauração é ministro da Guerra e Presidente do Conselho, mostrando uma alta capacidade administrativa, como já demonstrara possuir como homem de guerra.

Ao retirar-se do serviço em 1847, por motivos de saúde recebe do Rei Luis Filipe o título de Marechal-General até aí usado por Turenne e pelo marechal do Saxe.

Tal era o comandante do Exército Francês em Portugal, classificado por Napoleão como "le premier manouvrier de L Europe".

Os ingleses prestaram-lhe em 1838 a homenagem devida ao seu talento, quando, representando a França na coroação da rainha de Inglaterra, foi alvo em Londres duma aclamação formidável.

*

*　　　　　*

II - A ORGANIZAÇÃO DA MANOBRA

A - SITUAÇÃO GERAL EM 29 DE MARÇO DE 1809 E DIAS SEGUINTES

1 - FRANCESES

Soult entra em Portugal com 23.500 homens, agrupados em divisões da forma seguinte:

Infantaria:

- Div. Merle
- Div. Mermet
  do 2.º Corpo
- Div. Heudelet
- Div. Delaborde
  do antigo 8.º Corpo de Junot
- Cav.
  - Div. Cav. Lahoussaye com 4 Reg.tos Cav.ª - Dragões
  - Div. Cav. Franceschy com 4 Reg.tos Cav.ª - Ligeira
  - Brig. de Cav.ª Viallannes com 2 Reg.tos Cav.ª - Dragões

A sua situação a partir do dia 29 de Março era a seguinte:

- A Div. de Cav.ª Franceschy reforçada com 2 R.C. é enviada do Porto, logo após a tomada da cidade, a esclarecer a região até ao Vouga, sobre o qual estabelece contacto com as forças do general Trant, a partir de 12 de Abril.
- Mermet está em Vila Nova com a missão de apoiar Franceschy, em caso de necessidade.
- As Div. Lorges e Heudelet, partem respectivamente de Braga e Vila do Conde, para o Norte, a procurar abrir uma comunicação com a Galiza. A 6 de Abril estão em Barcelos, a 7 em Ponte de Lima, a 13 em Valença.
- Após a tomada do Porto foram mandadas seguir na direcção de Amarante 1 brigada da Div. Lahoussaye, a Div. Merle e a brigada Arnaud da Div. Delaborde, com a missão de esclarecer a região entre a Tâmega e o Sousa.

A 14 de Abril Loison toma o mesmo destino acompanhado das Brigadas Foy e Coulaincourt, assumindo o comando de todas as forças em operações no Têmega reforçadas em 29 com 2.000 homens da Div. Heudelet, com a missão de abrir uma comunicação pelo Tâmega com Trás-os-Montes e a Beira Alta. A intenção não podia ser outra que procurar a ligação com o general **como general Victor em Espanha**, por intermédio de Lapisse, comunicação que nunca chegou felizmente a estabelecer-se apesar de a ponte de Amarante ter sido forçada em 2 de Maio.

Vejamos ainda, e porque interessa para enquadrar o nosso estudo, a situação das forças francesas de Lepisse e Victor destinadas a operar em ligação com Soult.

- a div. Lapisse estava em S. Felices, para estabelecer a ligação de Soult e Victor quando estes marchassem sobre Lisboa.
- E Victor? A 28 de Março - 1 dia antes de Soult entrar no Porto marcha sobre Medelin onde está o general espanhol Cuesta e inflige-lhe tal derrota que durante muito tempo não se poderá voltar a falar em Cuesta e principalmente no seu Exército. Tem pois aberto o caminho para Lisboa, para onde, parece, se deveria imediatamente dirigir. Mas não. Continua inactivo em Mérida declarando que: "devido à natureza do País não é possível fazer semelhante movimento (para Lisboa) enquanto a Div. Lapisse se me não venha juntar pela estrada de Alcantara", o que este faz, chegando a Mérid. a 19 de Abril. Mas Victor encontra ainda boas razões para não entrar em Portugal e deixa--se estar pacatamente onde estava.

Por seu lado Soult não parecia muito disposto a marchar sòzinho sobre Lisboa, no que me parece, procedia avisadamente: a sua linha de comunicações com a Galiza nunca foi das coisas mais famosas, absorvia muitos efectivos e as forças de que dispunha não lhe permitiam encarar com sucesso o movimento sobre Lisboa desligado do general Victor.

LUSO - BRITÂNICOS

- Ao contacto com os frnceses estão:

    - Trant, no Vouga
    - Silveira, no Tâmega

- O general Bacelar está na Beira Alta, com a missão, como vimos, de procurar impedir a reunião de Lapisse com Victor, e de impedir ou dificultar os movimentos do primeiro caso entre em Portugal.
- O grosso do Exército Português com o tenente general Miranda Henriques está na Região de Tomar.

- Cradock quando toma conhecimento do desastre de Medelin coloca 7.000 ingleses em Abrantes e concentra o seu Exército em Leiria.

E enquanto Victor perdia o seu tempo em dúvidas, procura Beresford gastar o seu o melhor possível, empenhando-se em reorganizar e disciplinar o Exército Português, tendo resolvido mantê-lo nos termos da organização de 1806 com:

- 24 Regimentos de Infª
- 12 Regimentos de Cavª reduzidos a 6 por falta de cavalos
- 4 Regimentos de Artilharia

o que perfazia sensìlvelmente 48.000 de 1ª linha.

- As milícias e ordenanças mantinham-se com poucas alterações, agrupadas em 48 regimentos, perfazendo cerca de 52.000 homens.
- A legião de tropas ligeiras foi substituida por batalhões de caçadores cujo número chegou a ser de 12,

B - PLANO DE BERESFORD

Depois de a 8 de Abril assumir o comando das forças portuguesas, começou Beresford por se preocupar com Victor, de momento o inimigo mais perigoso para Portugal, para o que tomou as seguintes disposições:

- ordenou a Bacelar para vigiar os movimentos de Lapisse e se possível impedir a sua reunião com Victor.
- deu a Silveira instruções sobre a forma de defender o Tâmega, barrando todas as principais comunicações do Minho para Trás-os-Montes e tendo em especial atenção a estrada Porto - Penafiel - Lamego.

E tendo considerado "a possibilidade de Victor se conservar inactivo", dado que até aí não tinha mostrado intenções de entrar em Portugal, pelo que se podia esperar que não o viesse a fazer, propôs a Sir John Cradock a execução do seguinte plano de operações:

- Atacar Soult frontalmente e de flanco
  - Sir John Cradock, com o exército inglês tendo a seu cargo o ataque frontal.
  - Beresford com o Exército Português, procuraria tornear os franceses pela Régua e Amarante.
  - Uma vez Soult vencido ou expulso, voltar-se contra Victor.

Este plano permitia tirar vantagem da posição central do Exº anglo-luso, conjugado com a possibilidade de realizar uma cobertura no Tejo, em condições de eficiência,

com fracos efectivos. E mesmo na hipótese de Victor entrar em Portugal era ainda questão de contar as marchas.

Não aprovou Sir John Cradock as ideias do seu compatriota, alegando:

- Ser baseado em conjecturas
- Haver a possibilidade de não se conseguir bater Soult
- Deixar-se Lisboa à mercê de Victor.

Razões que não colhem como o demonstrou pouco tempo passado o seu colega Wellesley.

Dizia Maquiável "não poder apresentar-se para um príncipe pior situação que ter de esperar na sua capital que o inimigo viesse ao seu encontro" o que merceu a Napoleão o comentário "nunca gostaria de me ver em tão lastimável situação".

Eis a lamentável situação em que se colocava Sir John Cradock regeitando o plano de Beresford .

Uma só hipótese se pode pôr para voluntàriamente se colocar nestas condições de inacção: Ter em mente reembarcar se as coisas se complicassem: este devia ser o plano Cradock:

C - PLANOS DE WELLESLEY

Felizmente para Portugal, não era com as mesmas ideias que Wellesley desembarcava em Portugal. Chegando a Lisboa, trazia na bagagem já alinhavado o seu plano de operações que como vamos ver pouco se afasta do que por Beresford havia sido proposto a Sir John Cradock.

Admitia Wellesley duas variantes:

I -

1.º - Atacar Soult
- cobrindo-se no Tejo contra as acções de Victor.
- O general Cuesta comprometia-se a incomodar as rectaguardas de Victor no caso deste tentar a invasão de Portugal.

2.º - Derrotado ou expulso Soult atacar Victor, com a cooperação do General Cuesta e cobrindo-se no Norte de Portugal.
- Expulsava mais ràpidamente os franceses de Portugal - e das ricas províncias que ocupavam.
- A colaboração mais estreita era feita com os portugueses, com quem era mais fácil.

II -

1 - Atacar Victor com a colaboração de Cuesta e cobrindo-se no Norte.

2 - Atacar Soult depois de derrotado Victor.

Apresentava esta variante as seguintes vantagens:

- Victor era o inimigo mais perigoso para Portugal, vantagem muito prejudicada pelas possibilidades deste se manter inactivo.
- Derrotado Victor era a situação dos franceses mais profundamente abalada.

Felizmente para nós foi a primeira a solução adoptada, facto a que não deve ter sido estranha a interferência da Regência e os recursos que as províncias do Norte eram susceptíveis de fornecer, e esta última razão apresenta-se-nos de molde a ter influído mais fortemente na decisão dos nossos aliados ingleses.

*

Quando em 2 de Maio, Wellesley chega ao QG que havia decidido estabelecer em Coimbra, a situação no Norte mantinha-se sem alteração.

- Trant e Silveira ao contacto respectivamente no Vouga e no Tâmega impediam a passagem dos franceses para a margem esquerda daqueles rios.

Wellesley organiza então a sua manobra nas seguintes bases:

- Com um agrupamento de forças sob o seu comando atacar os franceses ao Sul do rio Douro, procurando se possível isolá-los daquele rio.
- Com um agrupamento sob o comando de Beresford marchar por Viseu, Lamego e Amarante - que supõe firme nas mãos de Silveira - afim de tornear Soult no caso deste se conservar no Porto e de lhe cortar a retirada para Trás-os-Montes e a Beira.

A 5 de Maio Wellesley tem conhecimento que Silveira não é mais senhor - a partir de 2 de Maio - da ponte de Amarante.

Uma nova combinação se abre portanto para os franceses: a passagem do Douro na região de Entre-Rios ou da Régua, pois a sua rectaguarda não está já ameaçada a partir de Amarante, e portanto nem perigo se apresenta para a marcha torneante que cabe a Beresford executar.

Wellesley decide manter a sua decisão encarregando Bacelar e Wilson de fazerem face à ameaça sobre o flanco descoberto de Beresford na linha Arouca - Lamego em ligação com Trant, nas seguintes condições:

- Bacelar deve cobrir o flanco de Beresford sobre a linha Vouga - Arouca.
- Wilson deve cobrir a marcha apoderando-se de Lamego e da Régua.

A Silveira foi dada ordem para reunir as forças que lhe fosse possível e encontrar-se com Beresford em Viseu ou Lamego.

CRÍTICA AO PLANO DE WELLESLEY

A principal crítica que tem sido feita consiste em afirmar que se este tem feito um ataque desmonstrativo na direcção do Porto e passado ràpidamente com o grosso do Exército na região de Entre-os-Rios, conseguiria:

- Separar Soult de Victor
- Loison teria de se haver com Silveira e com as populações civis sublevadas
- A ameaça sobre o flanco direito de Beresford ficaria eliminada
- Evitava a transposição à viva fora do R. Douro, no Porto, que só por um conjunto de circunstâncias excepcionais foi coroada de sucesso.

Esta crítica tem fundamento, especialmente depois de considerarmos o insucesso da ponte de Amarante, que não garantia já a Beresford ou a transposição ou a defesa do Tâmega consoante as necessidades. E assim este, como veremos, só não veio a encontrar uma situação muita crítica devido à imprevidência cometida por Loison de sem licença do seu comandante abandonar Amarante e iniciar a retirada sobre Braga.

Em 5 de Maio, ao tomar conhecimento da forma como a situação tinha evoluido, parece-me que a manobra gisada por Wellesley devia ser alterada e em qualquer caso marchar com o Exército reunido. Mas "la fortune a plus fait por lui..." havia de dizer o Imperador.

D - A ORDEM DE BATALHA DO EXERCITO ANGLO-LUSO

Quando em 22 de Abril chegou a Lisboa, trazia o Comandante chefe as seguintes ideias para a organização das forças a fazer entrar em campanha:

Exº Português - Infª 30.000 de primeira linha e 40.000 nas milícias

Artª 30 peças e as guarnições correspondentes a 60

Cavª - correspondente a um Exército de 60.000 homens.

Analisada a situação conclui que apesar dos esforços de Beresford: "o Exº. Português está na infância da arte, mas tem confiança no grande valor, zelo e fidelidade do soldado português".

[illegible] somavam 10.784 homens, atingem:

A ordem de batalha do Ex.º anglo-luso para as operações contra Soult é a indicada no esquema n.º 4

B - AS OPERAÇÕES CONTRA SOULT

1 - ATÉ À TRANSPOSIÇÃO DO DOURO NO PORTO

Organizada a manobra, nas condições que acabamos de indicar, vejamos a forma porque lhe foi dada a execução.

Como Beresford tinha um maior caminho a percorrer ficou estabelecido que sairia de Coimbra com dois dias de avanço sobre as forças de Wellesley iniciando a sua marcha em direcção a Lamego, a 6 de Maio.

No dia 7 saiu de Coimbra a vanguarda, que Wellesley havia constituido com a Cavª de Kotlon, as brigadas de infantaria Steward e alemã Murray, da Div. Paget, assumindo o General Paget o comando. Esta vanguarda que tomou imediatamente o caminho do Vouga pela estrada de Agueda - Porto, foi seguida pelo grosso, organizado em duas colunas, no dia seguinte, 8 de Maio. E Wellesley abandonou o Q.G. no dia 9, indo reunir-seàs suas tropas.

Uma destas colunas - a da esquerda - comandada pelo general Hill seguiu pela estrada de Mogofores para Aveiro onde devia embarcar afim de atravessar a Ria - - cuja vigilância os franceses tinham descurado e desembarcar em Ovar. Era-lhe atribuida a missão de cortar Franceschy do Douro e tentar atingir Gaia antes da ponte das barcas ser cortada. Em 9 à tarde o General Hill iniciou o seu embarque em Aveiro, atravessa a ria sem dificuldades e na manhã de 10 pode começar a desembarcar em Ovar quási sobre a rectaguarda francesa.

Entretanto a coluna principal que seguia pela estrada de Coimbra a Agueda atingira o Vouga, precedida pela vanguarda, não o transpondo senão na noite do mesmo dia, afim de tentar surpreender os franceses e tirar o maior efeito da surpresa. Na madrugada do dia seguinte as forças de Paget e de Trant chegam ao contacto com os franceses postados por altura de Albergaria e a Cotton é atribuida a missão de tornear o flanco esquerdo inimigo.

Não interessa referir em pormenor este combate, que podia ter criado uma situação muito difícil para as forças francesas então ao Sul do Douro, se o general Cotton não erra o caminho, chegando duas horas atrazado ao contacto com o flanco que deveria tornear, permitindo desta maneira que Franceschy ainda pudesse retirar.

Muito diferente seria a situação se a manobra tem resultado, pois como dissemos na manhã do mesmo dia tinha já o general Hill iniciado o seu desembarque em Ovar e repelido no Sardoal as forças francesas que se lhe opuseram tentando abrir caminho para Vila de Feira: com os dois flancos torneados, atacado por forças muito

superiores bem difícil seria a situação do general francês.

Mas consegue retirar e vai ocupar a posição de Grijó nas condições que Soult lhe havia prescrito.

O general Hill por êrro de transmissão de ordens havia abandonado o caminho da costa e, assim, quando no dia 11 pelas 11h30 o general Trant, que depois do combate de Albergaria descaira sobre o flanco esquerdo, chega a Vila da Feira, ainda aí o encontra. E quando Hill retoma o caminho da costa já é tarde para que possa haver algum sucesso na tentativa de se apoderar da ponte das barcas.

No dia 11 de manhã continua-se o movimento para Norte, e o contacto é novamente retomado na posição de Grijó.
Os evidentes propósitos franceses de não travar um combate decisivo a Sul do Douro iam-se concretizando - como não podia deixar de ser.

Vejamos entretanto o que se passava com Beresford. Chegado a Viseu no dia 7 e informado de que Loison marchava sobre Mesão Frio ordenou a Bacelar que passasse imediatamente o rio Douro na Régua, o que este conseguiu fazer na tarde de 9, à vista do inimigo e de Beresford.

Loison, com receio de que as suas comunicações, com o Tâmega - Amarante- - fossem cortadas, pois o general Silveira encontrava-se em Vila Real, retirou-se a 10 para Mesão Frio e a 11 para Amarante. Beresford podia pois passar tranquilamente o Douro com todas as suas forças. Assim não sucedeu e perde três dias em Lamego, onde reorganiza as suas forças.

A primeira fase da sua manobra, estava executada sem incidentes e sem que o inimigo lhe tivesse posto quaisquer dificuldades

Voltemos a Wellesley que deixámos face à posição de Grijó, guarnecida por Franceschy e Mermet, com a totalidade das forças francesas então ao Sul do Douro.

A brigada Murray foi encarregada de tornear o flanco inimigo mais fraco o esquerdo - manobra que foi muito bem executada, enquanto a brigada Steward os atacava de frente. Teve neste combate um papel preponderante 1 batalhão do R.I.16 que havia sido encorporado na brigada Steward.

Foi este batalhão - pode dizer-se sem risco de se pecar por excesso de patriotismo - que decidiu o combate. Atacando a direita francesa, bem apoiada nuns pinhais, dali os expulsou, acção que determinou a retirada dos franceses, e pela qual foi esta unidade elogiosamente citada por Wellesley e por Beresford.

Postos os franceses em retirada na direcção do Porto seguiu no seu encalço o major Blake com dois esquadrões de cavalaria. Tentaram ainda os franceses opôr-se ao seu movimento por altura dos Carvalhos, mas frouxamente e sem sucesso.

E no dia 11 pelas 12h00 começavam a passar o Douro pela ponte das barcas, no meio duma grande desordem: cavaleiros sem cavalos e cavalos sem cavaleiros, homens sem armamento e sem equipamento, movimento que continoa até às duas horas da madrugada de 12, em que, com 14 barris de pólvora faziam ir a ponte pelos áres, interpondo entre as suas forças e e as de Wellesley o difícil fosso que o rio Douro constitui.

E estavam terminadas as operações que tinham tido por teatro a região entre o Douro e Vouga.

*

A TRANSPOSIÇÃO DO DOURO

Pela manhã do dia 12 começavam a chegar a Vila Nova de Gaia as primeiras forças luso-britânicas: às 7h00 a guarda avançada e às 9h00 começava o grosso a reunir-se nos campos da Serra do Pilar, a coberto das vistas dos franceses instalados no Porto.

Devia ser intenção de Soult retirar-se para Salamanca - por Amarante e Lamego, hipótese que tem a confirmá-la as seguintes razões:

- os esforços postos na tomada da ponte de Amarante
- o envio para Amarante da Artª e bagagens
- a ordem dada à Div. Lorges para retirar sobre Amarante.

Para o conseguir teria Soult de se bater com Beresford que lhe tomava o passo entre o Tâmega e o Douro - Soult supõe ainda Amarante firme nas mãos de Loison - mas os seus 23.500 homens permitem-lhe encarar a operação sem preocupações, tanto mais que já sabe que o grosso com as melhores tropas está com Wellesley do outro lado do rio.

Procura Soult crear as condições de segurança à execução do seu plano, para o que será necessário impedir o Wellesley de atravessar o Douro até ao dia 14, pelo menos durante todo o dia 12. O Douro, abrupto, de margens escarpadas e na altura com bastante água e corrente, constitue um obstáculo de molde a livrá-lo de preocupações. E toma as seguintes medidas.

- destruição da ponte das barcas
- segurança de todos os barcos mandados passar para a margem direita
- vigilância de toda a margem desde a foz até Tâmega.

Assim:

- A Div. de Cavª Franceschy e a brig. Infª Reinaud, faziam face à principal preocupação de Soult: guardar o rio e a costa contra Hill a partir da Ribeira
- A Div. Mermet foi encarregada de vigiar a estrada de Amarante com 1 brigada em Baltar, 1 em Valongo e patrulhas sobre o rio
- No Porto a Div. Delaborde fica encarregada de sustentar aquelas forças em caso de necessidade.

Estas medidas garantiam:

- a defesa do Douro contra as tentativas de transposição e portanto o tempo necessário para se retirar em boa ordem.

E como Soult supunha não poder a Div. Lorges ter terminado os seus movimentos antes

dos dias 14 ou 15, devia garantir o tempo para poder retirar sobre Amarante nesta data. E se o plano falhou, as culpas não lhe podem ser atribuidas, mas aqueles, que comandando soldados do então melhor exército europeu não estiveram à altura de pelo menos fazer tanto como meses antes haviam feito no Minho paisanos indisciplinados.

Mas diga-se que a disciplina no Exército Frncês não corria pelo melhor: e para prova o caso da conspiração contra Soult.

Grandes deviam ser as preocupações de Wellesley ao reconhecer da outra margem do rio as posições francesas.
Um grande perigo se apresentava para o seu compatriota Beresford: abrir Soult passagens esmagando-o. Não havia pois tempo a perder.

E vejamos como ainda na mesma manhã, cerca de 3 horas depois, é Wellesley senhor do Porto, repetindo a operação que Sancho de Brito havia executado em 1580, por ordem do Duque de Alba, contra o prior do Crato.

Observou Wellesley que a vigilância à sua frente apresentava pouca eficácia, com poucos postos, descuidados e separados por grandes intervalos. A sua atenção fixou-se naturalmente no edifício em construção - o actual Seminário do Bispo - que ficando sob a acção da Art.ª instalada na serra poderia servir de apoio - digamos de testa de ponte - às primeiras forças que conseguissem por pé na margem Norte. Era esta posição ùnicamente acessível à infantaria dos lados da Quinta da Corticeira ou do China. Na margem esquerda e quási em frente do Seminário, próximo da barca de Quebrantões no lugar dito do Senhor do Além, havia uma ravina que se prolonga para trás da serra. Oferecia muito boas condições para ponto de embarque, a coberto das vistas dos defensores do Porto.

Decidiu então Wellesley realizar a operação da forma seguinte:

- Na praia de Vila Nova, Sherbrooke faria um ataque demonstrativo, afim de atrair as atenções dos franceses.

- O general Murray tentaria passar o rio no lugar da barca de Avintes, afim de atacar de flanco os franceses.

- O ataque decisivo seria efectuado sobre a Quinta do Seminário com o apoio da Artilharia postada na Serra.

Um problema se apresentava - arranjar barcos - dado que não dispunham os luso-britânicos de qualquer espécie de meios de transposição. Foi o coronel Walters oficial do estado maior de Wellesley, encarregado da missão de os obter, missão que compriu com êxito, arranjando quatro barcos grandes. E tendo comunicado o facto ao seu comandante, cerca das 11h00, deu este imediatamente a sua decisão verbal:

"Pois bem, passem as tropas que poderem ir nesses barcos".

Tem-se emitido a opinião de que o prudente Wellesley foi ousado desta vez. Parece-me que não: a decisão de Wellesley deve ter sido tomada por volta das 11h00. Ora o general Murray estava a passar na barca de Avintes desde as 10h00 e não é de crer que o comandante chefe não estivesse informado destes movimentos.

Os primeiros elementos a atravessar o Douro frente ao Porto foram 1 oficial com 25 soldados dos Buffs, que rápidamente correram a tomar posição no Seminário, seguindo-se um segundo e terceiro barco em que ia o general Paget. O general Foy deu o alarme no momento em que o general Paget punha o pé na outra margem. Já era tarde.

As tropas que ocupavam o Seminário, apoiadas pela artilharia instalada na Serra do Pilar que só permitia o ataque por um lado conseguiram repelir todos os ataques enquanto outras forças iam passando o rio.

A situação chegou a ser crítica quando o general Paget foi ferido, sendo substituído no comando pelo general Hill que já havia também transposto o rio. E diz--se que o calmo general perdera nesta altura a cabeça, declarando desejar atravessar o rio e fazer-sematar à frente dos seus soldados.
Não é de crer: nem tais decisões se amoldam à figura do maior vulto militar da nossa aliada, nem a situação era para tal.

As forças de Murray estavam a chegar à vista do Porto vindas de Avintes, e entretanto o general Sherbrooke, passando da demonstração à acção havia começado a passar o rio em Vila Nova. Em vista da situação foi ordenada a retirada dos franceses, que precipitadamente tiveram de abandonar no Porto parte das bagagens e os feridos.

A artilharia da Serra do Pilar ainda fez alguns tiros sobre as colunas inimigas que via desfilar pela estrada de Valongo, mas o general Murray que se encontrava em óptimas condições para iniciar a perseguição não fez, outro tanto. A perseguição foi feita sómente pelo major Hervey com dois esquadrões de dragões, até cerca de uma légua da cidade. Tendo sofrido perdas importantes, foi forçado a retirar abandonando a perseguição.

O general Murray foi depois enviado com a sua brigada e alguma cavalaria em perseguição de Soult, devendo procurar marchar sobre Amarante afim de estabelecer ligação com Beresford.

O fosso do Douro não separava mais os dois exércitos: vejamos como esta circunstância foi aproveitada.

*

C - A RETIRADA DE SOULT

Não podia Wellington iniciar imediatamente a perseguição com todas as suas forças, que só depois de reparada a ponte das barcas, ainda a 12, conseguiram reunir-se no Porto e limitou-se a enviar Murray nas condições que já vimos. Nomeia Trant governador militar do Porto onde perde todo o dia 13.

A guarda da rectarguarda francesa, formada pela cavalaria de Franceschy e brig. Reinaud da Div. ainda passou em Valongo, indo as restantes forças até Baltar. Aí se lhes foi reunir uma pequena força de 3 companhias que ocupavam os castelos da Foz e do Queijo e por caminhos desviados conseguiram reunir-se aos seus evitando os ingleses.

Soult pensava, como já dissemos, retirar por Amarante, que supunha nas mãos de Loison. Mas este sem ordem do seu comandante - pior contra as ordens do seu comandante, havia abandonado a vila, e julgando que Soult retiraria do Porto sobre Braga e receando ser cortado, havia retirado sobre Guimarães e Braga. Este procedimento injustificável,e não é de considerar de todo despropositada a hipótese dum suposto comprometimento de Loison na conspiração contra Soult, embora não possa basear-se tal suposição em dados concretos.

A retirada que Soult tinha concebida estava por terra, uma vez Beresford senhor de Amarante, circunstância de que Soult veio a tomar conhecimento, quando colocado com o seu exército entre Valongo e Penafiel, recebe em Baltar à 1h30 da madrugada de 13, uma carta com o relatório de Loison.

Soult encontra-se então numa situação crítica

- à esquerda está Wellesley, o inimigo mais perigoso
- à direita Beresford em condições de lhe barrar a passagem no Tâmega e que lhe corta as comunicações que convergem em Amarante
- à rectaguarda tem o Douro
- à frente a divisória de águas entre o Ave e o Douro
- a Serra de St.ª Catarina - não lhe permite o trânsito das viaturas e bagagens.

Para os grandes momentos as grandes decisões: Soult era homem para as tomar. Dispensa para evitar demoras a reunião do conselho de guerra - como era da ordenança em tais apertos - e como diz o Sr. General Victoriano José Cesar "dá uma ordem de movimento, que se pode resumir nas seguintes prescrições:

1.ª - Que a infantaria e a cavalaria recebessem o maior número de cartuchos, sendo os restantes transportados pelos cavalos do trem de artilharia.

2.ª - Que os sapadores e a artilharia levassem consigo as ferramentas indispensáveis.

3.ª - Que todas as viaturas do parque de bagagens fossem queimadas.

4.ª - Que toda a artilharia fosse destruida.

5.ª - Que todo o exército formado uma só coluna seguisse o vale da Rib.ª do Sousa pela margem direita.

Soult ilustrou a decisão com o exemplo mandado lançar fogo aos seus caleches e ao trem de equipagens do quartel general.

Pode assim a coluna atingir Margaride, sobre a estrada de Amarante a Guimarães onde se reuniu Loison e ao cair da noite deste mesmo dia 13 estar em Guimarães onde se lhes reuniu Lorges, vindo de Viana e Braga.

O Exército francês estava todo reunido nesse dia 13 em Guimarães.

E tendo conhecimento que alguns esclarecedores inimigos tinham sido vistos nas proximidades de Braga resolveu evitar esta cidade, metendo pela estrada de Povoa de Lanhoso em direcção a Salamonde.

Depois de fazer desfilar o exército ao longo dumas alturas afim de que todos se vissem e verificassem ser ainda numerosos o que muito contribuiu para lhes levantar o moral, reorganizou o dispositivo que passou a ser o seguinte:

- Vanguarda

  Com.te: Loison: com a brig. de dragões e Div. de Inf.ª Heudelet Mermet e Delaborde.

- Seguia-se o pessoal de artilharia, os cavalos de trem e algumas outras tropas
- O grosso com as divisões de dragões Lahoussaye e de infantaria Mermet e Delaborde. em condições de apoiar a guarda da rectaguarda, sob o comando de Soult.
- A retaguarda com as divisões de Inf.ª Merle e a de cavalaria Franceschy.

Dirigindo-se a Salamonde chegou a esta povoação no dia 15 ao cair da noite.

Wellesley como vimos perdeu um dia no Porto, em que mais não fez que nomear Trant governador militar. Supondo inicialmente que o inimigo retiraria pelo Minho fez seguir o exército em duas colunas mas informado de que Soult havia passado por Guimarães calculou que tentasse a retirada por Chaves e mandou seguir todo o exército em direcção a Braga onde o começou a reunir a 15.

Entretanto havia chegado Murray a Guimarães.

E dos aliados falta-nos ver o que agora desempenha o papel principal. Beresford que está colocado sobre o flanco de Soult e havia perdido quatro preciosos dias em Lamêgo.

A 13 Beresford estava em Amarante e muito longe de saber o que se passava. A 11 teve a confirmação de que Soult já abandonara o Porto e estava em retirada, sendo portanto de admitir que ia tomando um certo avanço.

Resolveu-se por isso - anticipando-se às ordens de Wellesley - cortar-lhe a retirada, para o que teria de barrar-lhe a passagem nas estradas para Mondim - Chaves e Montalegre.

E elas barraram-se todas em Salamonde, uma vez que ele Beresford estava a cavalo da comunicação para Guimarães.

Foi encarregado de cumprir esta missão o general Silveira, que melhor conhecia o terreno, mas que estava impossibilitado de o fazer pela simples razão de que sem ordem do general sob cujas ordens actuava, tinha enviado a sua brigada para Chaves por Vila Real.

Não creio que esteja neste procedimento a causa do sucesso da retirada do marechal Soult mas o procedimento do general Silveira favoreceu-o.

Beresford solveu então seguir para Chaves onde contava chegar a 16, mas dificuldades de ordem vária só permitiram que aí chegasse e reunisse as suas tropas a 17.

Voltemos a Soult que deixámos em Salamonde no dia 15 à noite.

Dois caminhos se lhe apresentavam:

- Salamonde - Ruivãis - Botioas - Chaves
- Salamonde - Ponte Nova - Ponte da Misarela - Montalegre - menos praticável, mas mais curto e menos perigoso, dado que Soult constantemente temia que o inimigo caisse sobre o seu flanco direito e até se admirava que tal ainda não tivesse sucedido.

A ponte de Ruivãis estava cortada e a Ponte Nova em vias de o vir a ser, o que veio a ser evitado pelo major Dulong. Depois de reparada começou a dar passagem ao exército francês às 8 horas da manhã do dia 16, gastando-se todo o dia a atravessá-la e a ponte Misarela que lhe segue.

No dia 16 estava o Q.G. de Soult em Paradela, no dia 17 em Montalegre e no dia 18 tomava o caminho do Guizo onde a vanguarda chegava ainda a 18, e no dia 19 a Orense. E no dia 20 embora num estado deplorável estava o exército francês em Orense em condições de se reabastecer, do que bem precisava.

Soult havia conseguido comprir asua missão: "Um exército sempre substitui o seu material, o essencial é restituir à Pátria os seus servidores".

O talento do seu chefe permitia te-los reunidos ali em Orense naquele triste dia 20 de Maio, em condições de continuarem a servir a Pátria e o Imperador.

Vejamos ainda os esforços que os aliados fizeram para o impedir.

Chegando a Chaves deu Beresford ordem a Silveira para tomar o passo a Soult em Guizo por onde forçosamente Soult havia de passar e saiu de Chaves a 18 na mesma direcção. Mas eram outras as ideias de Silveira e resolveu dirigir-se a Montalegre por Boticas, sem qualquer resultado pois como vimos neste dia já Soult tinha o seu grosso em Guizo. A ordem de Soult a Silveira para se lhe reunir em S. Maillic[illegible] não foi também cumprida.

Chegou ainda Beresford a Guizo em 19, mas sem as forças de Silveira e de Bacelar que não se lhe podera ainda reunir-se - nada poude fazer, além de que poucas eram as esperanças de alcançar Soult. Mandou ainda a sua cavalaria em perseguição dos fugitivos, mas teve de desistir de empreender qualquer perseguição.

E sir Artur Wellesley que deixamos a 15 às portas de Braga?

Às quatro horas de 16 dirigiu-se para Salamonde atingiu Ruivãis a 17 e Montalegre a 18, marchando portanto com um dia de atrazo sobre Soult - aquele precioso dia 13 que perdera no Porto a investir o seu camarada Trant na comandancia militar da cidade e a saborear o doce fruto da vitória.

C O N C L U S Õ E S

Escapado Soult para a Galiza um só problema se põe: quem foi o culpado ?

É inegável poder afirmar-se que Wellesley não foi convenientemente secundado pelos seus subalternos. Algumas críticas lhe podem ser feitas mas não esqueçamos que a tarefa da crítica é aqui bem fácil em relação às dificuldades que ele experimentara, com as dificuldades dos meios de comunicação e informação da época. A sua operação de transposição do Douro é uma das operações mais brilhantes de toda a campanha, pode ombrear, sem recear o perigo da comparação, com a retirada efectuada por Soult. Perde 1 dia no Porto - o dia 13 - que lhe havia de fazer grande falta, mas a sua marcha até Montalegre, comparativamente à que fez Beresford é realizada em muito melhores condições mantendo-se sempre na peugada de Soult o que Beresford colocado em melhores condições não consegue realizar. Tendo seguido partir do Porto em duas colunas, manda-as reunir ràpidamente e marchar sobre Braga, quando pressente que Soult se vai retirar para Montalegre ou Chaves, movimento que é muito bem executado.

Beresford por seu lado não se credita nesta campanha como um tático de primeiro plano. Perde quatro dias em Lamêgo a reorganizar o seu exército o que muito bem poderia ter sido feito em marcha, mas diga-se que tal facto - e por força das circunstâncias - não influiram em nada na condução das operações. O mesmo não se pode dizer quanto à sua marcha de Amarante para Chaves. Quando dá ordem a Silveira para barrar a passagem a Soult, deveria ter seguido imediatamente em direcção a Chaves o que não faz só saindo a 15. Ora tendo indícios da retirada de Soult a 13, encontrando Amarante deserta, duas únicas soluções poderia adoptar:
marchar sobre o Porto ou, prevendo a retirada de Soult marchar a tomar-lhe o passo.
Não faz nem uma nem outra coisa.

Poderia informar-se a 13 e seguir a 14, ou mesmo ainda a 13 a tentar realizar a missão que tinha imposto a Silveira. Só sai a 15 e alega o mau estado do tempo e dos caminhos para justificar a sua chegada a Chaves a 17, onde perde novo dia para entrar em Espanha a 18. Não se pode dizer que tenha secundado Wellesley de forma brilhante - exceptua-se a sua colaboração para a reorganização do exército português a que já fizemos referência.

Silveira, embora alegando que as ordens de Beresford lhe deixavam a alternativa de entrar em Espanha ou seguir sobre Montalegre, não encontra desculpa para a primeira falta que cometeu mandando a sua brigada sobre Chaves quando a tal não estava autorizado e sem ordem expressa do seu comandante. Tal acto prejudica

que lhe tinha sido creada a quando da acção da ponte de Amarante.

O general Bacelar, seu colega, foi um bom executante: cumpriu e executou de forma exemplar as ordens que lhe foram prescritas por Beresford e por forma a este nunca poder encontrar no seu procedimento desculpa para as próprias faltas como sucedeu relativamente a Silveira.

E para o fim deixamos Soult.

A transposição do Douro acorda-o do letargo em que se encontrava no Porto, entregue a uns sonhos de realesa que perfeitamente se admite que alimentasse ao comparar-se com os outros seus colegas - como Mural - menos dotados e gosando as efémeras glórias dos tronos onde os colocara a generosidade do Imperador.

Mas quando chega o momento - eis o homem à sua altura. Podemos imaginá-lo em Baltar, possuido por uma única ideia - salvar o seu exército. Ideia que vai servir com o seu talento. Para a atingir nada o poderá deter.

Em Baltar tolhem-lhe os movimentos a artilharia e as bagagens. Rodeado de inimigos sobre o seu flanco direito e esquerdo não hesita e toma, como diz o sr. Gen. Correia Guedes "Depois do sacrifício de depôr as armas, não há nenhum mais humilhante do que o sacrifício de destruir a sua artilharia", mas que é o único que lhe permite a salvação em tão apertado transe. E em Guimarães volta a fazer o mesmo em relação às de Loison e de Lorges.

Sôbre a estrada de Braga a Chaves reacende a chama da esperança naquele exército desmoralizado fazendo-o subir às colinas a um e outro lado da estrada por forma a que todos se vejam uns aos outros.

Na ponte da Misarela aniquila os cavalos que não pode levar e podem vir a servir o inimigo, alcança a Espanha e reorganiza o seu exército.

Os servidores que restitue à Pátria, substituido o material podem voltar a servi-la.

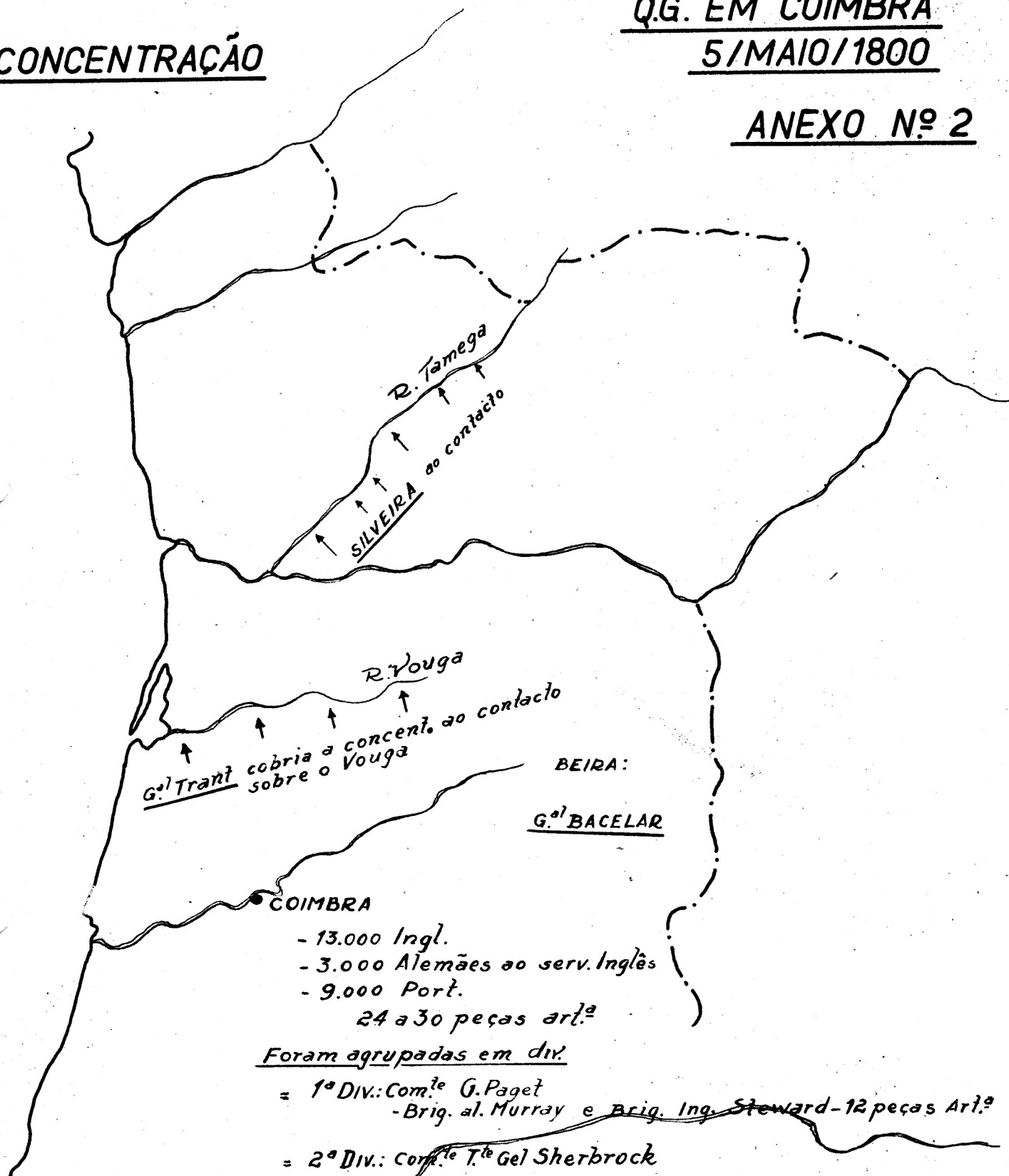
E não podemos deixar de pensar que cumprisse ou não Silveira as ordens que lhe havia prescrito Beresford, secundasse este de maneira brilhante o comandante chefe; não perdesse Wellesley aquele sombrio dia 13 no Porto, não podemos deixar de crer que Soult, em quaisquer circunstâncias, havia de conduzir os seus 20.000 homens a Orense.

****

EXÉRCITO SOULT

Arma	Divisão	Brigada	Regimentos	Efectivo
INFª	1ª DIV. MERLE 2º Corpo	Brig. Reinaud	RI 2 RI 4	6.000
			RI 15 RI 36	
	2ª DIV. MERMET 2º Corpo		RI 31 RI 47	4.800
			RI 122 e 3 bat. Suissos	
	4ª DIV. HEUDELET 8º Corpo	Brig. Graindorges	RI 15 RI 32 RI 26	Incompletos 3.200
			RI 66 RI 82 Legião Hanov. Legião do meio-dia	
	3ª DIV. DELABORDE 8º Corpo	Brig. Foy	RI 17 RI 70	4.000
			RI 86	
	R. I. 17			
CAVª	DIV. CAVª LIGª FRANCESCHY		RC 1 RC 8	1300 cav.
			RC 22 e Caç. Hanov.	
	4ª DIV. Dragoes LAHOUSSAYE	Brig. Mansor	RC 17 e RC 27	1.900 cav.
		Brig. Coulancourt	RC 18 e RC 19	
	DIV. LORGES	Brig. Viallannes (a)	RC 13 RC 22	1.000 cav.

(a) A brig. Fournier havia sido destacada para o 6º Corpo

CONCENTRAÇÃO
Q.G. EM COIMBRA
5/MAIO/1800
ANEXO Nº 2
R. Tamega
SILVEIRA ao contacto
R. Vouga
Gal Trant cobria a concent. ao contacto sobre o Vouga
BEIRA:
Gal BACELAR
COIMBRA
- 13.000 Ingl.
- 3.000 Alemães ao serv. Inglês
- 9.000 Port.
24 a 30 peças artª
Foram agrupadas em div.
= 1ª Div.: Comte G. Paget
- Brig. al. Murray e Brig. Ing. Steward - 12 peças Artª
= 2ª Div.: Comte Tte Gel Sherbrock
Brig. H. Campbell, A. Campbel e Soutaq - 6 peças
= 3ª Div.: Comte Maj. Genal Hill
Brig. Hill e Cameron = 6 peças
= Div. Port. Comte Beresford
Ingl - Brig. Tilson
Brig. Port. - Mousinho e Lopes de Sousa
Brig. Bacelar e Silveira
= Div. Cav. Comte Tte Gal Payne Brig. Cotton e Fane

Nº3

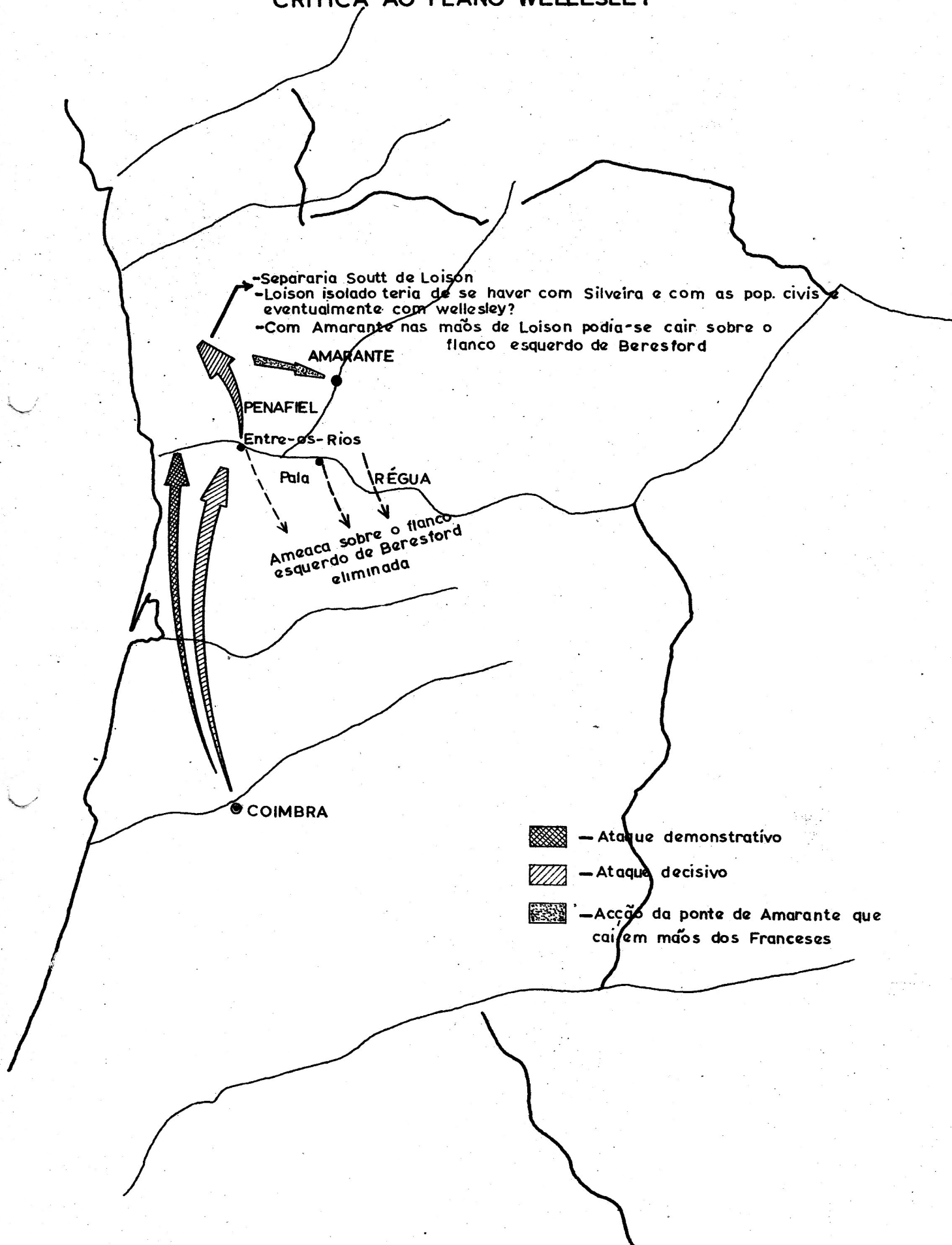
2ª INV FRANCESA
SITUACAO DOS FRANCESES A PARTIR DA TOMADA DO PORTO EM 29-Março-1809
Restabelecer uma comunicação com a GALIZA
13 Ab.
R. Minho
VALENÇA
Tuy
2000 homens
36 canhões
Franc.
Caminha
R. Lima
Ponte de Lima
7 Abril
Heudelet + Lorges
Heudelet - tentar abrir uma comunicação para o Minho - Tuy
BRAGA
Barcelos
5 Abril
6 Abril
Amarante 14 Abril / 2 Maio
Ave
LORGES
Vila do Conde
SOULT
23.500
(4000 Cavª)
Tamega
Loison
Penafiel
Sousa
PORTO
DOURO
c 1/ Lahoussaye brigada de Cavª para esclarecer a região entre o Tamega e Sousa
–1 Brig. Lahoussaye
– Div. Merle
– Brig. Arnaud da Div. Delaborde
Segue para Amarante
Div. Loison:
–Brig Foy
–Brig Coulaincourt
ref. em 29 com 2.000 de Heudelet
cai em 2 Maio
(12 Ab.)
após a tomada do Porto
Vila Nova
Mermet
com a missão de sustentar Franceschy
Franceschy
6 Regtos Cavª
Trant
12 Abril e seguintes
INFª
DIV. MERLE
DIV. MERMET
DIV. HEUDELET
DIV. DELABORDE
RI 17
CAVª
DIV. CAV. LAHOUSSAYE
(Dragões) 4 R C
DIV. CAV. FRANCESCHY
(cav. lig.) 4 R C
–Brig. VIALANNES
(Dragões) 2 R C

2ª INV FRANC.

PLANO BERESFORD

OPERAÇÕES CONTRA SOULT
Q.G. EM COIMBRA
EM 2 DE MAIO
Nº 5
4 a 5 dias
Tornear os Franceses se conservassem no PORTO
PORTO
Régua
2 dias
Junta-se Silveira
Lamego
Arouca
Possibilidade de surpreender os franceses separando-os do Douro.
cortar a rect. de Soult para Traz-os-Montes e
Wilson
BACELAR
—Apoderar-se de Lamego ou da Régua para cobrir Beresford
Pte do Vouga
VISEU
Agueda
AVEIRO
TRANT
COIMBRA
Bacellar :-
Bat R19 - 566 praças
RI 11 - 1412
R.E.C. - 260
6 peças 8
8 pecas 3
2 obuzes
-Apesar da notícia da tomada de Amarante Wellesley mantém a sua decisão, apesar do perigo a que agora estava exposta a marcha torneante de Beresford. - Beresford cobriu-se com a Brig. ligª de Wilson
- Cac. 3.4.6. Port.
- 2 Comp. do RI Brit. 60
Wilson veio de Espanha e por S. Pedro do Sul encorporou-se nas Tropas de Silv. tendo estado em Amarante, com Bacellar
Wellesley com o grosso
Beresford
Cobertura das mov. siobre Agueda-Arouca Lamego a cargo de Trant e Bacellar

Nº6

OPERAÇÕES CONTRA SOULT - CRÍTICA AO PLANO WELLESLEY

OPERAÇÕES CONTRA SOULT
Até à 1/2 noite de 9
Nº 7
R. Tâmega
(L.S. pag. 253)
PORTO
R. Douro
Sabendo-se que os franceses abandonaram Vila Real e vão sobre Mesão Frio, Bacelar a 9
P. Régua
10/5
Lamègo
8/5
Cav. Cotton tornear o flanco esq. de
R. Vouga
OVAR
Alb. Nova
Albergaria
VIZEU
7/5 à noite
10/5
TRANT
Mourisca
BERESFORD (ver L.S. pág. 252)
Brig.
- Hill
- Cameron
9/5
AVEIRO
ÁGUEDA
9/5
VANG-PAGET
cav- Cotton
Brig-Murray
Stward
org. em 7/5
= c/o R 216
Mogofores
2 ET
9/5
9/5
2 col.
6/5
9/5
R. Mondego
COIMBRA
Beresford
Wellington

OPERAÇÕES CONTRA
SOULT
10 de MAIO
a partir de 02.00
Comb de ALBERGARIA e de GRIJÓ
Nº 8
R. Douro
PORTO
Franc.
4.200 Infs
1.000 cavs
Soult manda prepa-
rar a ret. e dest. da ponte
Franceses em S. Ovídio
às 20h00 de 11
o Exº fica 11/12 em Grijó
COMBATE DE GRIJÓ
Bregador
Grijó
às 09h00 de 11 a G. Av. chegou
a Vendas junto a Grijó
começou:
alto da Bergada
às 10h00
Terminou:
às 3 da tarde no cabe-
ço dum monte que fica
a leste do lugar de Ven-
das de Grijó
Por ordem de Soult Fransechy
e Mermet ocupam a pas de Grijó
11/5 Vª da Feira
R. Vouga
Hill pe-
la Beira Mar
Trant
Hill foi por êrro
pª Vª da Feira,
abandonando o cami-
nho da costa
Combte de Albergaria
Ovar
10/5 (manhã)
Albª
Cotton erra o caminho
e só às 08.00 chega à vista
de Fransechy
AGUEDA
Brig. Hill
Cameron
AVEIRO

OPERAÇÕES CONTRA SOULT

12-MAIO

CHEGADA AO DOURO

"WELLESLEY"

Nº 9

Medidas tomadas por Soult

Dest da ponte de Barcos

Segurança dos barcos passados para a margem direita

Vigilancia de toda a margem direita desde a Foz até ao Tâmega

Garantiam:

a defesa do Douro contra a transposição

o tempo necessário para retirar em boa ordem

Div. Lorges com 1400 recebe ordem para retirar sobre Amarante o que Soult supôs só poder estar terminado a 10.15

Preocupação principal de Soult
Div. Cav.ª Franceschy
Brig. Inf.ª Reinaud
guardar o Rio e a Costa contra Hill

Gen.al QUESNEL
Div. Marmot
Vigiar a est Amarante:
- 1 Brig em Valongo
- 1 Brig em Baltar
- Patrulhas sobre o Rio

No Porto a Div. Delaborde encarregada de sustentar aquelas forças em caso de necessidade

PORTO 9700 H

A ponte de Barcos é destruida em 12/5 às 02h30

S. PILAR

Vila Nova de Gaia em 16/5

0900

G. Av: 0200
2 brig Inf.
2 Esq. Cav. (Reg.to Dragões 16)
0900

O Grosso do Ex.º reuniu-se nos campos da S. do Pilar

Hill pelo litoral

Gen. Trant

0700 de 12/5

GRIJÓ

Retirar-se para Leão e Castela por Amarante e Lamego
(Tomada da P.te de Amarante)
marcha de Loison sobre Lamego com 57.00 H
enviou a art.ª para Amarante e bagagens
Para o que se teria de bater com Beresford sobre o Tâmega

→ Salamanca

Cerca das 0900 do dia 12 só o DOURO separava os dois exercitos

— Int. de Soult

PASSAGEM DO DOURO

Wellesley

12-5-1809